**A IMPORTÂNCIA DA COLABORAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO NA PROMOÇÃO DA INTERAÇÃO SOCIAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

De Freitas, Nívia Larice Rodrigues¹

De Saboia, Vannorleide Rodrigues²

Rosa, Liliane Santos3

Rocha, Davi Maia4

De Freitas, Viviane Maria5

Franzolin, Carla Bárbara de Castro Armada Floret6

De Oliveira, Wyderlannya Aguiar Costa 7

Diniz, Adriane Nunes 8

Mouzinho, Leandro Saldanha Nunes9

Gil, Tatiane de Souza10

Da Silva, Herika Raissa Ferreira11

Guerra, Vânia Machado de Aguiar Cunha12

Silvestre, Armando Araújo13

Casimiro, Maria de Fatima Peixoto14

Nobre, Orientador Paulo Victor Chaves 15

**RESUMO:** O Transtorno do Espectro Autista representa uma complexa condição que afeta o neurodesenvolvimento, influenciando a maneira pela qual um indivíduo interage com seu ambiente e compreende o mundo ao seu redor. A interação social de crianças com TEA ainda representa um desafio no cenário educacional, e a colaboração da equipe multiprofissional de saúde e educação emerge como uma ferramenta promissora para fomentar a interação e o desenvolvimento social delas. **Objetivos:** A presente pesquisa objetiva analisar as evidências bibliográficas sobre qual é a importância da colaboração de profissionais da saúde e da educação para a promoção da interação social em crianças com TEA na Educação Infantil. **Metodologia:** Foi empregada uma abordagem narrativa qualitativa sobre a importância da colaboração desses profissionais na interação de crianças com TEA. Foram selecionados artigos em língua portuguesa publicados nos últimos cinco anos , entre 2019 a 2023, em bases de pesquisa como Google Scholar, PubMed e SciELO, com o intuito de garantir a atualidade das informações. Os critérios de exclusão foram aplicados, a fim de descartar estudos que não abordassem diretamente a temática do presente estudo. **Resultados e Discursões :** A revisão bibliográfica apontou que a equipe multiprofissional representa uma abordagem valiosa para promover a interação social em crianças com TEA na Educação Infantil. Professores desempenham um papel fundamental na adaptação do ambiente e na criação de atividades que incentivem a interação social. Ademais, fisioterapeutas trabalham na melhoria das habilidades motoras das crianças, enquanto médicos e enfermeiros auxiliam no diagnóstico precoce e tratam comorbidades médicas. Psicólogos atuam no entendimento do comportamento e necessidades emocionais, enquanto nutricionistas garantem uma dieta adequada. **Conclusão:** A colaboração entre esses profissionais é essencial para oferecer uma abordagem abrangente e eficaz para atender às necessidades individuais das crianças com TEA. A promoção da interação social não só melhora a qualidade de vida dessas crianças, mas também contribui para uma sociedade mais inclusiva e compassiva, tornando este um desafio crucial e complexo.

**Palavras-Chave:** Equipe Multiprofissional, Transtorno de Espectro Autista, Interação Social.

**Área Temática:** Área Multidisciplinar Livre Para Todas as Áreas

**E-mail do autor:** [nivialaric@gmail.com](mailto:nivialaric@gmail.com)

¹Medicina, Universidade Nilton Lins, Manaus-Amazonas, nivialaric@gmail.com

²Pedagogia,Pós-graduada em Educação Infantil, Faculdade da Aldeia de Carapicuiba, Horizonte-Ceará, vannorleide@hotmail.com

3Letras, Mestranda em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas-Bahia, lilianerosalia@gmail.com

4Psicologia, Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências , Faculdade de Tecnologia e Ciências, Salvador-Bahia, psidmaiar@gmail.com

5Nutrição,  Centro Universidade de Educação Superior da Paraíba, Alhandra - Paraíba, nutrivivianefreitas@outlook.com

6Pedagogia,Universidade Metropolitana de Santos, São Paulo- São Paulo, kabarbara@hotmail.com.

⁷Direito, **F**aculdade de Educação Santa Terezina**,** Parauapebas- Pará, wyderlannya@hotmailcom.

⁸Enfermagem, Pós-graduada em Terapia Intensiva, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre- Rio Grande do Sul, adriane.nd@gmail.com.

⁹Mestre em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Maranhão, São Luís – Maranhão, leandrosaldanha.n@hotmail.com.

10Mestranda em Educação, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen- Rio Grande do Sul, proftatigil@gmail.com.

11Enfermagem,Centro Universitário de Ciências Cultura e Extensão – UNIFACEX, Macaíba- Rio Grande do Norte, herikarfs@gmail.com.

12Gestão Hospitalar, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal- Rio Grande do Norte, vaniaaguiarm@yahoo.com.br

13Pedagogia, Doutor e Mestre em Ciências da Religião, Universidade Anhembi Morumbi, Bragança Paulista- São Paulo, profarmandosilvestre@gmail.com.

14 Pós-graduada latu senso em Saberes e Práticas da Educação Básica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro- Rio de Janeiro, mariahfatimap@gmail.com.

¹⁵ Biomedicina, Centro Universitário Maurício de Nassau, Fortaleza-Ceará, paulovictorcnpv@gmail.com.

**1. INTRODUÇÃO**

De acordo com Bernardo (2022), a Educação Infantil, sendo um ambiente de socialização e aprendizado, assume um papel central na formação das bases sociais das crianças. Apesar disso, segundo Dias e colaboradores (2021), a interação social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil tem sido um desafio constante no contexto da educação inclusiva. Visto isso, a colaboração entre profissionais da saúde e da educação, é crucial na promoção da interação social em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil.

De acordo com Albuquerque e Benitez (2020), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa uma complexa condição neurodesenvolvimental que influencia a maneira pela qual um indivíduo interage com seu ambiente e compreende o mundo ao seu redor. Conforme destacado por Lima e seus colaboradores (2021), esta condição se caracteriza pela presença de dificuldades substanciais nas áreas da comunicação, interação social e pela manifestação de padrões comportamentais restritos e repetitivos. Essa condição pode impactar consideravelmente a vida do indivíduo, exercendo influência sobre suas habilidades sociais, comunicação e comportamento.

Segundo Dias, Santos e De Abreu (2021), as ramificações do autismo se estendem para além da esfera individual, afetando a capacidade de uma pessoa se comunicar eficazmente, compreender os códigos sociais e adaptar-se às alterações na rotina. Como consequência, tais desafios podem gerar dificuldades nas relações interpessoais, limitações na participação em atividades sociais e comprometimento no desempenho acadêmico.

As raízes do entendimento moderno sobre o autismo remontam a figuras proeminentes na psiquiatria. De acordo com Lima e seus colaboradores (2021) e Moreira (2021), o psiquiatra Eugen Bleuler foi pioneiro ao descrever, em 1911, o autismo como uma forma de isolamento social. Anos depois, Leo Kanner e Hans Asperger independentemente observaram padrões comportamentais similares em crianças e contribuíram significativamente para a construção do arcabouço compreensivo contemporâneo do autismo. Kanner observou que tais características pareciam na primeira infância, já a figura de Asperger se destaca como um dos precursores nos estudos acerca do autismo,

Ainda segundo Lima e contribuintes (2021), o diagnóstico do TEA é intrinsecamente clínico e funda-se em critérios específicos, sendo necessário para um diagnóstico concreto uma equipe multidisciplinar de profissionais de saúde, educadores e o auxílio familiar para uma abordagem integrada. A avaliação diagnóstica demanda um exame minucioso das interações sociais, do desenvolvimento comportamental e da comunicação do indivíduo. Conforme descrito por Dias, Santos e De Abreu, no âmbito do DSM-5, a categorização do TEA se desdobra em três níveis de intensidade: leve, moderado e severo. Em nível leve, revelam-se dificuldades na comunicação social e emergem padrões comportamentais limitados e repetitivos. Na esfera moderada, tais dificuldades se aguçam, enquanto no nível severo, a pessoa demanda um suporte substancial em múltiplos domínios de funcionamento.

Diante disso, a colaboração entre esses profissionais da saúde e da educação representa uma estratégia para fornecer um suporte abrangente e holístico às crianças com TEA na Educação Infantil. Tendo em vista que, a interação social é uma habilidade fundamental que influencia diretamente a qualidade de vida dessas crianças e sua capacidade de se integrar à sociedade. Portanto, a pesquisa sobre a importância da colaboração desses profissionais é um tema de extrema relevância para aprimorar as práticas educacionais e terapêuticas, garantindo um futuro mais inclusivo e promissor para as crianças com TEA. Visto isso, o presente estudo visa analisar a literatura existente para identificar a importância das práticas colaborativas entre profissionais de saúde e educação.

**2. MÉTODO OU METODOLOGIA**

A presente pesquisa empregou uma abordagem metodológica de revisão narrativa qualitativa analisando as publicações existentes sobre a importância da colaboração de profissionais da saúde e da educação na promoção da interação social em crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil. A pesquisa bibliográfica foi conduzida nas principais bases de dados eletrônicas, como PubMed, Google Scholar e SciELO, utilizando descritores em português relevantes como “Equipe Multiprofissional”, “Transtorno de Espectro Autista”, “Interação Social”.

Os critérios de inclusão foram criteriosamente definidos, buscando-se estudos dos últimos cinco anos que abordassem a colaboração de diferentes profissionais da saúde e educação na promoção da interação social de crianças com TEA ou estudos similares, publicados em português entre 2019 e 2023. Foram selecionadas informações atualizadas e relevantes, excluindo publicações que não estivessem focadas no tema central do estudo. Os resultados da busca bibliográfica foram apresentados de forma descritiva, destacando a importância das colaboração desses diferentes profissionais na promoção da interação social de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

**3. RESULTADOS E DISCUSÕES**

De acordo com Bernardo (2022), a Educação Infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento das habilidades sociais e interpessoais das crianças em seus primeiros anos de vida. Não obstante, segundo os estudos de Nascimento (2021) e Andrade (2021), o TEA é caracterizado por padrões restritos e repetitivos de comportamento, assim como dificuldades na comunicação e interação social. Essas características podem ter implicações profundas na forma como as crianças com TEA se relacionam com os outros durante sua experiência na Educação Infantil. Uma das áreas afetadas pelo TEA é a habilidade de interpretar consociais. Como apontado por Gomes e contribuintes (2022), crianças com TEA podem apresentar dificuldades em identificar e compreender expressões faciais, gestos e tom de voz, componentes essenciais para uma comunicação e interação eficazes. Essa dificuldade pode resultar em mal-entendidos e na incapacidade de perceber os sentimentos e intenções dos colegas.

A relevância deste tema é inegável, pois a promoção da interação social em crianças com TEA não apenas melhora a qualidade de vida delas, mas também contribui para uma sociedade mais inclusiva e compassiva. Quando profissionais de saúde e educação se unem para apoiar essas crianças, elas têm a oportunidade de desenvolver habilidades sociais valiosas que as ajudarão ao longo de toda a vida. A interação social não é apenas um objetivo, mas também um direito fundamental de todas as crianças, incluindo aquelas com TEA. Portanto, a colaboração desses profissionais é essencial para tornar essa realidade uma prioridade.

Segundo Shaw (2021), os professores têm um papel fundamental na promoção da interação social em crianças com TEA. Eles podem adaptar o ambiente da sala de aula, tornando-o estruturado e previsível, o que é benéfico para crianças que preferem rotinas. Além disso, os professores podem utilizar apoios visuais, como quadros de comunicação, para auxiliar na comunicação alternativa (NASCIMENTO, 2021).Esses profissionais também desempenham um papel essencial ao planejar atividades que incentivem a interação social, adaptando-as ao conforto das crianças, respeitando seus limites individuais e fomentando a aceitação entre os colegas (MOREIRA, 2020).

Segundo o estudo das autoras De Souza Gaia e De Freitas (2022), os fisioterapeutas têm uma função vital na promoção da independência funcional e no desenvolvimento motor das crianças com TEA. Por meio da realização de avaliações individuais para identificar necessidades motoras específicas, esses profissionais criam programas de treinamento que visam melhorar o equilíbrio, a coordenação motora e a força muscular, contribuindo para a independência nas atividades diárias. Além disso, podem trabalhar em colaboração estreita com professores para incorporar atividades motoras adaptadas ao currículo da sala de aula, facilitando a participação das crianças com TEA nas atividades comuns.

Ademais de acordo com os estudos de Suassuna (2021), Paparella e Leite (2023) e Nascimento e seus contribuintes (2022), médicos e enfermeiros, colaboram na identificação precoce de TEA e no tratamento de comorbidades médicas associadas. Eles podem diagnosticar precocemente o TEA, encaminhando para avaliação e intervenção especializada. Além disso, tratam comorbidades médicas, como distúrbios gastrointestinais, que podem afetar o comportamento e a interação social (NASCIMENTO et al., 2022). Esses profissionais também oferecem orientações valiosas aos pais sobre como lidar com questões de saúde e apoiar o desenvolvimento de seus filhos (SUASSUNA, 2021; PAPARELLA;LEITE, 2023; NASCIMENTO et al., 2022).

Adicionalmente, os psicólogos atuam no entendimento do comportamento e das necessidades emocionais das crianças com TEA. Por meio das avaliações comportamentais para identificar áreas de melhoria e desenvolvendo planos de intervenção personalizados (DE ALMEIDA, 2022). Fornecem treinamento em habilidades sociais para crianças com TEA, ajudando-as a compreender e responder às pistas sociais (LIMA et al., 2021). Além disso, oferecem apoio emocional tanto para as crianças quanto para suas famílias, ajudando-os a enfrentar os desafios do TEA (MOREIRA, 2020).

Somado à isso, os nutricionistas avaliam a dieta das crianças para garantir que esteja fornecendo os nutrientes necessários para o desenvolvimento saudável (REIS et al., 2022). Além disso, identificam e abordam sensibilidades alimentares que podem afetar o comportamento e o bem-estar geral (REIS et al., 2022). Os nutricionistas também educam pais e cuidadores sobre a importância da nutrição adequada e como ela pode afetar o comportamento e a interação social (ALMEIDA; RIBEIRO, 2023).

Para garantir o sucesso na promoção da interação social em crianças com TEA, esses profissionais precisam trabalhar em estreita colaboração, compartilhando informações e coordenando estratégias de intervenção. Equipes interdisciplinares que incluem profissionais de diferentes disciplinas podem oferecer uma abordagem mais completa e eficaz para atender às necessidades individuais de cada criança com TEA. Diante disso, a promoção da interação social em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil é um desafio complexo e de profunda importância. Tendo em vista que, a qualidade de vida de crianças com TEA não apenas melhora mas também contribui para uma sociedade mais inclusiva e compassiva.

**4. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A promoção da interação social em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil é um tema de relevância inegável. A Educação Infantil, como ambiente central de socialização e aprendizado, desempenha um papel crítico no desenvolvimento das competências sociais e interpessoais durante os primeiros anos de vida. No entanto, a interação social das crianças com TEA na Educação Infantil constitui um desafio contínuo no contexto da educação inclusiva.

O TEA é caracterizado por padrões de comportamento restritivos e repetitivos, bem como por deficiências na comunicação e na interação social. Esses traços têm repercussões profundas na maneira como as crianças com TEA estabelecem relações interpessoais durante seu período na Educação Infantil, frequentemente levando a dificuldades na compreensão de expressões faciais, gestos e nuances do tom de voz. Consequentemente, a promoção da interação social assume uma importância fundamental para melhorar a qualidade de vida dessas crianças e facilitar sua integração na sociedade.

Nesse cenário, a colaboração entre profissionais da saúde e da educação se torna uma estratégia imprescindível. Professores desempenham um papel crucial ao adaptar o ambiente da sala de aula, estabelecer estruturas previsíveis e empregar suportes visuais que auxiliem na comunicação alternativa, permitindo que as crianças com TEA participem das atividades escolares de maneira mais confortável. Os fisioterapeutas assumem o papel na promoção da independência funcional e no desenvolvimento motor das crianças com TEA.

No âmbito médico e de enfermagem, a identificação precoce do TEA e o tratamento de comorbidades médicas associadas são responsabilidades cruciais. Profissionais de saúde têm o papel de diagnosticar precocemente o TEA e encaminhar para avaliação e intervenção especializada. Enquanto os psicólogos atuam na compreensão do comportamento e das necessidades emocionais das crianças com TEA, conduzindo avaliações comportamentais para identificar áreas de melhoria e desenvolvendo planos de intervenção personalizados. Os nutricionistas têm um papel na avaliação da dieta das crianças, garantindo que ela forneça os nutrientes necessários para um desenvolvimento saudável. Além disso, identificam e abordam sensibilidades alimentares que podem afetar o comportamento e o bem-estar geral.

Para alcançar êxito na promoção da interação social em crianças com TEA, a colaboração multidisciplinar é essencial. Profissionais de diferentes áreas devem trabalhar em conjunto, compartilhando informações e coordenando estratégias de intervenção. Equipes interdisciplinares são capazes de fornecer uma abordagem mais abrangente e eficaz para atender às necessidades individuais de cada criança com TEA. Dessa forma, a promoção da interação social nesse contexto complexo torna-se uma prioridade, contribuindo não apenas para o aprimoramento da qualidade de vida das crianças com TEA, mas também para uma sociedade mais inclusiva e empática. A pesquisa sobre esse tema é fundamental para aprimorar as práticas educacionais e terapêuticas, garantindo um futuro mais promissor para as crianças com TEA na Educação Infantil.

**REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE, I.; BENITEZ, P. O brincar e a criança com transtorno do espectro autista: revisão de estudos brasileiros. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 1939–1953, 2020. DOI: 10.21723/riaee.v15i4.12811. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12811. Acesso em: 22 ago. 2023.

ANDRADE, Juliana Silva Andrieta. **Práticas pedagógicas inclusivas junto a crianças com transtorno do espectro autista na educação infantil.** 2021.

BERNARDO, Thayse Eduarda. **Educação infantil na perspectiva inclusiva: notas sobre o cotidiano familiar de uma criança com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia.** 2022. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/26316

CABRAL, Cristiane Soares; FALCKE, Denise; MARIN, Angela Helena. relAção fAmíliA-escolA-criAnçA com trAnstorno do esPectro AutistA: PercePção de PAis e ProfessorAs. **Revista brasileira de educação especial**, v. 27, p. e0156, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0156

CAVALCANTE, Deyse et al. **O Processo de inclusão escolar para crianças com transtorno do espectro autista–TEA.** 2023. Disponível em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/6294

DIAS, Adelaide Alves; SANTOS, Isabelle; DE ABREU, Adams Ricardo Pereira. Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil. **Zero-a-seis**, v. 23, p. 101-124, 2021.

GOMES, Fernanda Siqueira Costa et al. **O processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista na perspectiva de professores e analistas pedagógicos: um olhar psicopedagógico.** 2022. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.641

LIMA, S. de O. .; ALMEIDA, M. C. de; MARQUES, S. de O. .; SOUSA, S. M. . Pedagogical practices: contributing to the training of the student with Autistic Spectrum Disorder (ASD). **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 14, p. e119101413618, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.13618. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13618. Acesso em: 18 ago. 2023.

MOREIRA, Dalria. **Contribuições Da Educação Infantil Para O Desenvolvimento Das Interações Sociais Da Criança Autista**. 2020.

MOURA E MOURA, A.; LIMA DOS SANTOS, B. M.; SAMPAIO MARCHESINI, A. L. O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 24–38, 2021. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/14120. Acesso em: 22 ago. 2023.

NASCIMENTO, Izaildes. **Educação e práticas inclusivas: a criança com Transtorno do Espectro Autista no centro do processo de aprendizagem.** 2021. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/26032

RIBEIRO, Fernanda Borges; FADEL, Luciane Maria; ROVER, Aires José. Jogo como recurso de aprendizagem no processo de desenvolvimento da linguagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 10, n. 22, p. 264-288, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.55028/pdres.v10i22.16056

SANTOS, Isabelle Sercundes et al. **A criança com transtorno do espectro autista na sala regular da educação infantil: das políticas educacionais às práticas pedagógicas em João Pessoa-PB**. 2020.

SHAW, Gisele Soares Lemos. Núcleo temático inclusivo para construção de conhecimentos de licenciandos em ciências da natureza sobre o transtorno do espectro autista. **Atos de pesquisa em educação,** [s.l.], v. 16, p. E9037, ago. 2021. Issn 1809-0354. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9037>. Acesso em: 21 ago. 2023. Doi: http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354202116e9037.